

# **REGRESSO AO PASSADO... COM ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO**

*Annabela Rita*

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias  
Universidade de Lisboa

**Resumo:** Procura-se, neste ensaio, analisar o romance *Os Pecados da Rainha Santa Isabel* (2011), de António Cândido Franco, inscrevendo-o no conjunto da obra e evidenciando a sua componente ensaística de reflexão sobre a identidade e a história portuguesas.

**Palavras-chave:** Ficção histórica. Identidade. Nacional. Portugal. Literatura. História

“Regresso ao passado, ao passado da nossa origem. Regresso pois à baixa Idade Média, essa noite de dor e maravilha, onde as estrelas brilharam pela derradeira vez. Sei do que falo; já por lá andei tempo que baste a deitar raiz e borla, quanto mais a contemplar de raspão um céu de estrelas. De mãos livres e olhos atentos, sempre à pata, bati e rebati durante um carro de anos fragas e recessos, visitei Inês em Albuquerque, chorei com Pedro em Coimbra, acompanhei Leonor Teles em Barcelos e na corujeira de Pombeiro, segui Fernando em Valada do Ribatejo, vi Nuno Álvares açodado em Lisboa. Por lá me demorei tantos anos, por lá andei com tanto desejo e encanto, e tão de espaço, que fiquei a pertencer mais a esse tempo que ao meu. Para bem dizer, ninguém hoje dá por mim; sou um fantasma, uma sombra sem forma a pairar sobre as ruas. A minha voz não se ouve; a minha presença não se vê. Sou um espectro invisível. Vivo no passado, não no presente. Mas isso me chega para ter um rumo, que é afinal a forma menos traiçoeira de ser infeliz.

Agora, para gáudio meu, regresso à luz onde existo. Materializo o meu espectro e recupero a minha voz. Ganho sangue e corpo em contacto com o passado; vou de novo visitar a baixa Idade Média. Não posso deixar de andar à volta de Pedro de Portugal. Este rei é a minha ideia fixa. Cada vez me comovo mais com a sua figura; a sua vida magnetiza-me. É um íman poderoso, uma luz quente e cega, em torno da qual giro sem parar como os planetas giram em torno do Sol. Este Pedro de Portugal foi o inventor da Saudade e isso basta para fazer dele o meu credor eterno, cuja história comparo à mítica existência de Orfeu.” (p. 13)

Assim abre este “*retábulo em três gerações*”, como se caracteriza a obra na folha de rosto d’ *Os Pecados da Rainha Santa Isabel* de António Cândido Franco<sup>1</sup>.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

<sup>1</sup> António Cândido Franco. *Os Pecados da Rainha Santa Isabel*, Lisboa: Ésquilo, 2010. Por comodidade, todas as citações serão localizadas no corpo do texto.

Esta “Abertura” coloca na boca de cena uma instância *fantasma*, “espectro invisível” que atravessa o tempo e o espaço em busca do que o obsidia, denunciando um escrita apaixonada e obsessiva cuja motivação nós, leitores, temos a tentação de questionar, uma escrita *inquieta* por isso. *Peregrinatio ad loca infecta...* do “espectro invisível” e do leitor às referências onde a História e a Lenda pulsam e se encontram, explodindo em alucinada imaginação.

Essa instância “sem voz” e sem visibilidade habita as sombras da palavra autoral e da memória colectiva e ilumina o imaginário, consubstanciando o princípio poiético da ficção histórica de António Cândido Franco, entre romance e ensaio, entre especulação e investigação.

Por um lado, esse *incipit* textual denuncia a *dispositivo* da obra, inscrevendo António Cândido Franco na linhagem dos autores de *polípticos* da História, *séries* acompanhando o movimento e a dinâmica da História nacional nos momentos expressivos da sua intelecção (crises, personalidades, ciclos, acontecimentos): de Garrett a Fernando Campos, etc.. Da bibliografia do autor, o gesto indicador destaca a trilogia do projecto romanescos onde a ensaística se subsume: *A Rainha Morta e o Rei Saudade* (2003), *Vida Ignorada de Leonor Teles* (2009) e *Os Pecados da Rainha Santa Isabel* (2010). *A Rainha Morta e o Rei Saudade* (2003) fora apresentada nimbada de mito e lenda:

É a noite eterna de Alcobaça, recamada de estrelas acesas, com os túmulos de pedra a vogar no espaço galáctico, como dois invólucros astrais, enquanto cá fora se sucedem os anos, os séculos, os milénios, na esperança de que um dia possa raiar a madrugada do fim do mundo e a trombeta do arcanjo anuncie o final dos tempos. (...) É um capítulo eternamente em aberto, dum drama sem fim, que começou com dois tegumentos vegetais, dois embriões ovulares, e termina com dois corpos congelados, em órbita, em cápsulas de pedra, à espera de acordarem na última galáxia do tempo e do espaço. Nesse dia, quando já não houver humanidade para recordar o caso de Inês e Pedro, os astros hão-de contar com pasmo, uns aos outros, a fábula do seu amor. O romance de Inês e Pedro tem uma porta que se abre para a noite cósmica, original, profunda, que contém as almas universais antes da diferenciação, e uma outra que dá passagem para a noite una, final, em que tudo se perpetuará pelo vazio da saudade.<sup>2</sup>

A *Vida Ignorada de Leonor Teles* (2009) evidencia uma visão *vertebralizada* da História nacional:

A História de Portugal teve em Leonor Teles e em João de Avis uma bifurcação de dois ramais, ou de duas vontades, em que um ficou por seguir. A História correu até hoje, a toda a velocidade, impante e ufana, pelo caminho da expansão e da abundância, da afirmação firme e da magnificência, representado pelo fundador da dinastia de Avis; de lado ficou o da retracção humilde, o da implosão do mundo, representado por Leonor Teles. Tem esta mulher pois um valor simbólico alternativo

---

<sup>2</sup> Cf. <http://esquilo.com/rainha.html> [10/Setembro/2011].

na época de ouro da História de Portugal: o da abdicação e o da renúncia voluntária ao mando e à riqueza.<sup>3</sup>

N' *Os Pecados da Rainha Santa Isabel*, escava as raízes dessa História, buscando-lhe a seiva, os glóbulos brancos e vermelhos do sangue vital... Trilogia, tríptico desvelando uma nexologia íntima da identidade nacional, ensaiando a descoberta no mergulho no vórtice do tempo, a invocação dos protagonistas promovendo um *outrora-agora* familiarizador, convival, mas à distância irredutível a que as paixões condenam os seus protagonistas...

Por outro, revela a sua perspectiva marcada por uma tendência para a perscrutação psicanalítica e ideológica de *genealogias* mais esclarecedoras dos sentidos da vida colectiva, da *comunidade imaginada*<sup>4</sup> que é Portugal. Em ambos os casos, faz-se ler em continuidade e projecta essa leitura no *futuro* dos romances, *já passado* do protagonista *Portugal na Europa*, estratégia compreensiva que legitima a escrita e que justifica, nela, a relação entre o *zoom* e a *grande angular*:

O que me interessa nestes trabalhos que tenho feito sobre as figuras trágicas da História de Portugal, de Inês de Castro a Carlos de Bragança, é a História como palco vivo de romance. Quero, à força de factos, que são por vezes as algemas de ouro da poesia, ficar apenas com acontecimentos, tão vivos, tão materiais, tão reais, tão livres, tão imprevisíveis como os do presente. Em vez das algemas de ouro, as asas inefáveis da borboleta simbólica. E o poder simbólico da ficção – representativo mas não falso – é tão grande, desce tão fundo na elaboração do retrato íntimo, pode tanto na revelação da fotografia dos recessos escusos e escuros da consciência, que porventura em História só através duma mentira podemos dizer a verdade. (p. 384)

Instância fantasma, convida o leitor a acompanhá-lo em cúmplice viagem (a lição da literatura de viagens repercute-se na estratégia narrativa do nosso romancista):

Convido pois o leitor a visitar a vida Isabel de Aragão e a descobrir comigo os seus pecados, que brilham no fundo da noite como estrelas diamantinas. Esta mulher, que viveu há mais de setecentos anos, não morreu e continua viva. Sei onde ela mora e tenho carta branca para lhe bater à porta; não se amua ela com a minha visita e nunca me deixou esquecido ao postigo. Tal como outrora testemunhei o amor de Inês e Pedro, ou mais tarde testei a paixão de Fernando e Leonor, as sis to agora à ligação de Dinis e Isabel. Venha o leitor comigo. (p. 19)

E encerra a viagem sob o signo da comoção da inteligência emocional:

“Por isso eu choro ao escrever os meus livros como choro a ler muitos outros e como choro no dia a dia com o sofrimento das pessoas de carne e osso que me rodeiam.” (p. 384)

António Cândido Franco reivindica, assim, para a sua ficção uma função explicativa da cultura portuguesa, questionando-a nas suas raízes e coordenadas fundamentais,

<sup>3</sup> Cf. [http://esquilo.com/leonor\\_teles.html](http://esquilo.com/leonor_teles.html) [10/Setembro/2011].

<sup>4</sup> Benedict Anderson. *Comunidades Imaginadas - Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*, Lisboa, Edições 70, 2005.

afundando-se nas paixões e corpos individuais para neles buscar a revitalização de um ser colectivo em degenerescência. Por isso, quando necessário, na distância do tempo, assume a *convocação*, palavra que visa aboli-la, neutraliza-la, realizar a miraculosa reaproximação convivial superadora da lei da morte, terapêutica da vida:

És nossa para sempre. Não saias da nossa beira, Mãe. Fazes tanta falta ao mundo. Vem, vem reformar a sociedade iníqua que temos e inundar a nossa vida de perfume. Vem, só mais uma vez, ensinar-nos a transformar o dinheiro de Wall Street em rosas singelas de camponeses. (p. 382)

E alinha, no nosso convívio, figuras excepcionais, iluminadoras e luminosas, constituindo uma galeria onde *sagrado* e *profano* se mesclam *naturalmente* naquilo que os funde: a *humanidade*, com o *pecado* inerente.

Por isso em última visão os santos não são da Igreja que os canonizou. Que fraude um santo de mãos postas, olhos seráficos, no recato dum altar! Que burla um santo de marfinito! Os santos são do mundo, e até do imundo, onde viveram, gritaram, erraram e arrastaram todas as infinitas sinuosidades, todas as dores naturais da sua contraditória santidade.

Por esse motivo a santidade de Isabel de Aragão interessa-me muito, ainda que à revelia da Igreja. Só conheço dois interesses num santo de calendário romano: ou para lhe tirar a máscara de marfinito ou para lhe conhecer os pecados. No caso da nossa rainha santa dou de barato a marfinito e quero os pecados. São verdadeiros! São belos! São cintilantes! Chegam para emocionar e para dar vida à vida! (p. 19)

Pecados que não são *manchas*, mas herança geneticamente inscrita (também) na sua *linhagem* que, por sua vez, inscreve a *saga* familiar no *romance* da nação:

Isabel de Aragão, como personagem, é mais do que um fio solitário; é uma síntese, uma tessitura de muitas e variadas fibras. Sem antepassados, sem gerações anteriores, sem ribeiros desencontrados, convergindo de muitos lados, fica a faltar a raiz a uma personagem como Isabel; vive asfíxiada, sem os braços subterrâneos que sugam no húmus o suco nutriente. Sem ascendentes ela está condenada a definir e morrer. Por esse motivo não é possível um livro sobre Isabel de Aragão sem um vasto intróito, tocando os antepassados. Sem eles, nada podemos entender da figura que nos interessa. Não há volta a dar. Insuflar vida aceitável na sexta rainha de Portugal passa em primeiro lugar por entender as raízes que lhe deram vida. Até os pecados desta mulher, como santa da Igreja romana, começaram muito antes de la nascer. Caso deixássemos de lado a história dos antepassados, perdíamos alguns dos desvios de maior surpresa ou nunca teríamos deles larga compreensão. São uma herança que ela recebe e a seu modo actualiza, sobretudo na acção que teve como rainha portuguesa, já longe de Aragão. (p. 21)

Na pintura romanesca, o pincel oscila entre o *retrato* e o *mural* ibérico e europeu, tecendo nexos, num movimento intelectual e relacionador:

Uma vantagem tenho pois por certa na abertura deste passeio: não basta o quadro particular; é preciso o políptico familiar. Em vez do retrato local e português, é indispensável o mural ibérico, com extensões para a Sicília, onde a mãe de Isabel se formou, e alcançando a Hungria longínqua, donde veio a avó paterna. Não se assuste o leitor com tanta terra! Para modelar a vida duma santa não há com certeza Terra que chegue. (p. 21)

E Isabel emerge conciliando a luz e as sombras da sua humanidade:

Uma Isabel de Aragão que tivesse na primeira juventude descoberto na religião as respostas certas para todas as dores humanas, mesmo que só suas, era uma Isabel de Aragão perfunctória e sem qualquer selha para mim e para o leitor.

Perfeição e certeza só existem nos formulários vazios. Assim instável, com momentos de descrença, só e desamparada, sem saber o que fazer, sem respostas e sem certezas, é que Isabel se faz igual a nós. E só assim, igual e próxima, nos pode ensinar algo. Dou de barato uma santa que tenha encontrado a verdade e viva fechada com ela. Que lhe faça bom proveito, que aos outros de nada serve. Os milhões da Fé são tão detestáveis como os outros, os que vi vem das acções em Bolsa. Entre a irmã Lúcia e o Berardo dos milhões não escolho um nem outro; fico-me pelo intervalo, onde os cães uivam as agruras da fome física e os homens suam as da fome metafísica.

Livre mas carente, eis o melhor retrato de Isabel de Aragão! Por uma tal combinação apurou ela pouco a pouco uma regra de conduta, regulada pelo silêncio, pela oração e pelo trabalho manual na total independência do clero regular e com forte componente laica. Sem este laicismo, a defesa da sua liberdade – como aconteceu muito mais tarde na sua viuvez – não se entende como não se percebe o gibelinismo anti-papista onde foi educada e que não pode ser branqueado quando se fala da primeira formação da princesa. Nem Jaime I, nem Pedro III teriam aceite menos do que isso, o que transforma a nossa santa numa pecadora entranhada, cuja primeira heresia foi o próprio meio em que nas eu e a que sempre foi fiel pela vida fora. Se mais pecados não houvesse, este lhe bastava para ser uma santa romana a contragosto.

Quanto à sua regra de conduta, o silêncio era o vazio, a purga das testilhas e das contendas em que por norma os palradores desatentos tropeçavam, enquanto a oração se fazia a palavra divina em acção no espaço dessa ausência. (p. 184-185)

E impõe-se-nos através de cenas simbólicas e expressivas da mulher e da santa onde convergem os dois vectores nucleares de uma História nacional assim desvelada, figura convocada e interpelada segundo a lição da *Mensagem* pessoana:

Bastava esta cena na vida de Isabel de Aragão para fazer dela um ser de excepção. Não houvesse nada mais do que isto e a grandeza da figura estava garantida. Não sei se a cena de Alvalade te assegura a santidade, Isabel, mas sei de fonte segura que é por ela que aqui me tens neste tentame sobre a tua vida e obras. É o momento que mais me comove, como a formação de Santa Clara, nas lutas com Santa Cruz e o clero quinhoeiro de Coimbra e Lisboa, é o momento que mais admiro na tua vida. Acrescento neste domínio a instituição das festas do Espírito Santo no desterro de Alenquer, celebrando a Vida com os ideais comunistas e libertários dos primeiros cristãos. Mas as festas deviam hoje ser mais nossas que tuas e não deviam ter morrido às mãos da Inquisição e do desleixo. Era tempo de estarem mais vivas que nunca, sendo de todos e não pertencendo a ninguém. Assim continuam a ser tuas, sem serem nossas. (p. 359)

Deste modo, o discurso de António Cândido Franco conduz-nos, progressivamente, no sentido da *lentificação* da velocidade narrativa através de três *écrans* que constituem outros tantos cortes epistemológicos de abrangência cada vez menor. Primeiro, a grande angular da História da Europa, vertiginosa de acontecimentos, de movimento de massas onde personalidades reconhecidas se destacam a traço grosso, sangrento, violento. Depois, a menor angular da História nacional, com três gerações da monarquia e figuras que outras obras do autor investigam, marcadas pelo estigma ou pela lenda, sucedendo-se em *ciclo* trágico,

história dentro da História, cada uma protagonizando um episódio dramático, etapa de uma *via crucis*, *acto* de uma peça significativa:

Dinis e Isabel, Inês e Pedro, Fernando e Leonor, três gerações, três casais, de avós a neto, que se substituem na Atouguia, ao pé da ilha de Peniche, num espaço que parece estar à deriva no coração do mar. O caso de Inês é trágico, com as arcas de Alcobaça ali tão perto, mas o de Isabel, Primavera de tudo, é inocente, como o de Leonor é triste e ardente, como o fim tem de ser. Um fio liga as três mulheres: o *sacrifício* em Isabel, a *morte* em Inês, a *abdicação* em Leonor. (p. 18)

Por fim, o grande plano de Isabel no seu percurso existencial. A elevada velocidade do primeiro plano produz um efeito de vertigem que a desaceleração do terceiro compensa, fazendo-nos refugiar nele, no convívio com Isabel de Aragão. Do primeiro ao terceiro subsiste uma *impressão* que será factor de compreensão dos outros: é o pano de fundo, o cenário dinâmico do drama protagonizado pelas personagens que revemos *diferentes*. Entre os diferentes planos e as figuras retratadas, o ensaísta busca o sentido e as leis da História, as razões das desrazões humanas... e a catarse comunitária.

Nessa arquitectura complexa de placas sobrepostas, sobressaem outros fios luminosos que as ligam com força imponderável: as linhagens femininas, trilogias reais e polarizadoras. A nível europeu: Isabel da Hungria, Constança da Sicília e Isabel de Aragão. A nível nacional: Isabel de Aragão, Inês de Castro e Leonor Teles.

“Um fio liga as três mulheres: o *sacrifício* em Isabel, a *morte* em Inês, a *abdicação* em Leonor” (p. 18)

Afinal, dois triângulos sobrepostos por um vértice de trágica fractura e concentração: Isabel de Aragão. Vértice, onde, de novo, se enfrentam, confrontam e confundem o sagrado e o profano, a humanidade e o que a transcende, o corpo e a alma, o original e a sua efígie:

Isabel de Aragão, além de sexta rainha de Portugal, foi canonizada pela Igreja no século XVII, muitos séculos depois de viver. É pois duma santa que falamos, uma santa do calendário romano. Mas as voltas que o mundo dá para fazer um santo ninguém as entende. Tais meandros são tão incognoscíveis como os mistérios dum céu estrelado. Tão contraditória é a santidade que procurá-la é o primeiro passo para a perder. Os santos não se reconhecem como santos. Que irrisão delambida e que grosseria um santo que ao mundo se apresenta-se como santo. Têm razão os que afirmam que o mais verdadeiro e o mais belo dum santo são os seus pecados. E como pecador irremissível se encara sempre um santo autêntico. (p. 18)

Isabel de Aragão: ponto luminoso de múltiplas e surpreendentes confluências. Um dos que, investigados, contribuem para justificar as estranhezas do passado, as sombras do presente, as perplexidades de sempre. Por isso, um *rosto*: a humanidade ao espelho, questionando-se.

Terminado o *retrato*, revisitada a História, termina o discurso convocatório e emocionado do fantasma que atravessa o tempo em busca dos seus fantasmas, desejando tranquilizá-los, finalmente, com a sua compreensão, mas também resgatá-los da rigidez espectral da História e expô-los com rostos de luminosa humanidade:

Passaram quase quatrocentos anos sobre estes acontecimentos. Isabel de Aragão não morreu. A peçonha dos inquisidores não chegou para a roubar ao nosso mundo; abalou-a mas não a matou. Está viva, sobreviveu como outrora resistiu aos violentos ataques do clero rico e poderoso de Coimbra. Tudo venceu, até o pavor da morte, e está viva. (p. 381)

Encontro de *reconciliação histórica*, de um Portugal consigo mesmo, renovador, restaurador, aspirando o incenso da celebração:

Tão viva que eu vi e vejo a sua morte e o seu último pecado; tão viva que eu me ajoelho diante dela, contrito e compadecido, como ela se ajoelhou diante do céu e do inferno no momento da morte. Precisamos muito de ti, Isabel. Estás viva, mais viva do que eu, no teu exemplo de tudo dares aos outros como se dos outros também fosse, como é, o que temos por nosso. Estás viva no teu exemplo de fatora da Paz, único bem, como se a consciência fosse, como é, superior à violência egoísta do instinto. Estás viva e não precisas de auréola. Tudo o que necessitas é do teu bordão de peregrina, do burel roto, da corda de esparto passada à cintura, das sandálias gastas e poeirentas. /.../ És nossa para sempre. Não saias da nossa beira, Mãe. Fazes tanta falta ao mundo. Vem, vem reformar a sociedade iníqua que temos e inundar a nossa vida de perfume. (p. 381)

Fechada a moldura do quadro, António Cândido Franco retoma, na “Nota Final”, o fio da reflexão sobre a escrita e, em especial, sobre o *romance histórico* (indicação de género que consagra na capa e sob o título), legitimando e explicando o seu:

O que o leitor acabou de ler é um *conto* desenvolvido em torno da sexta rainha de Portugal, Isabel de Aragão. Não me interessou fazer História, mas contá-la. A História para mim não é um mausoléu, com esqueletos alinhados nas prateleiras, mas um palco com personagens vivas e em movimento. Em vez do epitáfio temos o drama e em lugar dos ossos ou dos documentos temos o sangue. É a imaginação verbal que ilumina os interstícios obscuros da História e é ela que não deixa morrer nenhum dos momentos do passado.

E ensaia o esclarecimento da complementaridade entre História e Ficção:

A História por si para nada chega; sem a memória, sem a palavra, não passaria dum momento cego e inconsistente, tão volúvel e incerto como o mais efêmero devaneio. A História, toda a História, mesmo a mais ínfima, a minha ou a do leitor, só escrita ganha duração e espessura. Para contá-la é pois conveniente ter boca descarada. Quanto mais a palavra flui, mais a História toma forma e ganha vida. Não há História sem palavra. É por isso que a tomada de Tróia, um facto talvez menor, de ressonâncias quase só locais, com mais de três mil anos de idade, está para sempre viva num poema. Nada de História, diz o ficcionista quando pede de empréstimo uma personagem ao passado. A História toda, só a História, contradiz o historiador muito seguro diante da mesma personagem. Assim como assim, os dois extremos tocam-se, pois o ficcionista monta uma história que parece verdade e o historiador

lida com uma verdade que faz figura de ficção. E a ficção mentirosa do dramaturgo é tantas vezes superior à verdade do historiador! (p. 383)

Mas também desvela o seu diálogo com outros *retratistas*, destacando quem elege e porquê, insinuando linhagens possíveis:

Só como personagem poética Isabel de Aragão encontra a pintura esplêndida e fiel da sua vida. Tenho para mim que ninguém a restituiu tão viva, num retrato de consciência tão exacto e certo, como António Patrício, no drama *Dinis e Isabel – Conto de Primavera* (1919). E no entanto nunca outro mentiu tanto e tanto à História; no drama de que falo até Dinis, contra a mais elementar verdade histórica, sobrevive a Isabel. (p. 384)

Por fim, os “Anexos” documentam e desdobram a investigação realizada, documentam o rigor da história que a palavra alucinou: “Cronologia”, “Genealogias”, “Fontes Bibliográficas” e “Documentos”. Nos últimos, ecoa a “Canção de D. Dinis”, soluça a voz de Isabel e ouve-se a reflexão de Sampaio Bruno. Material que nos arranca das *lonjuras aproximadas* da ficção... Pedras tumulares levantadas para que os corpos se reergam e nos estendam a mão, não como bíblicos Lázarus, mas como figuras luminosas de uma passionalidade identitária nacional...

António Cândido Franco desliza, assim, do território convulsivo da História para o disciplinado do ensaio e da investigação com que abre e fecha a tela ficcional, entretecendo com eles o romance e fazendo-nos espectadores e cúmplices de um projecto literário *in progress*... História do ensaio e ensaio da História, origens do romance e romance das nossas origens, teoria e prática do *romance histórico*...

## Referência

FRANCO, António Cândido. *Os Pecados da Rainha Santa Isabel*. Lisboa: Ésquilo, 2010.

[Recebido em junho de 2011 e aceito para publicação em outubro de 2011]

## ***Back to the past... with António Candido Franco***

**Abstract:** We try, in this essay, to analyze the romance *Os Pecados da Rainha Santa Isabel* (2011), written by António Cândido Franco, in the set of the author’s work and evidencing its essay component of reflection on the portuguese identity and history.

**Keywords:** Historical fiction. Identity. National. Portugal. Literature. History

